

PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ACERVOS DAS UNIVERSIDADES CATARINENSES*

ELISON ANTONIO PAIM**
ISADORA NUNES TAVARES***

Resumo

A presente comunicação pauta-se em aspectos dos projetos de pesquisa em desenvolvimento “Educação patrimonial na escola: memórias, experiências, saberes e fazeres na memória dos professores” financiado pelo CNPQ edital Ciências Humanas de 2013 e “Escola e patrimônio cultural: entretecendo memórias e histórias da/na ilha de Santa Catarina” financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC) pelo edital Universal de 2014. Nosso objetivo central consiste em investigar os diferentes saberes, fazeres e experiências amalgamadas na produção do conhecimento histórico escolar, bem como, identificar de que forma a cidade, a memória e o patrimônio são agenciados na produção dos saberes escolares a partir da investigação do trabalho docente em instituições públicas de educação básica. Trabalhamos em duas frentes para a coleta das informações. Uma é a partir dos documentos e Políticas Públicas de Educação que expressem orientações para o trabalho com as questões da cidade, da memória e do patrimônio e as produções das universidades catarinenses relativas às temáticas do projeto. A segunda frente são entrevistas com professores e professoras das escolas. Nesta comunicação enfatizaremos a produção e acervo sobre patrimônio e Educação Patrimonial encontrada nas bibliotecas das universidades públicas e comunitárias de Santa Catarina.

Palavras-chave: Ensino de História, Memória, Patrimônio, Educação patrimonial.

A Ilha de Santa Catarina - parte insular do município de Florianópolis - é um território com um vasto patrimônio cultural, tanto em suas dimensões materiais (casarios e vilas coloniais, igrejas, monumentos, praças, ponte, arte rupreste, terreiros, armações baleeiras, fortalezas...), quanto nas dimensões imateriais (rezas, festas de origem africana e açoriana, benzimentos, alimentação...). Evidenciam-se, assim, imensas possibilidades de trabalhos focados nas questões da cidade, memória e patrimônio.

Considerando esse contexto, nossos questionamentos referem-se a como as questões da cidade, memória e patrimônio estão presentes nas aulas de História da educação básica e de jovens e adultos? O que as propostas oficiais apresentam como definições e como sugerem

* Esta pesquisa conta com financiamento do CNPQ pelo Edital Ciências Humanas de 2013 e da Fapesc pelo Edital Universal de 2014.

** Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (Prohistória) da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador dos projetos Educação patrimonial na escola: memórias, experiências, saberes e fazeres na memória dos professores e Escola e patrimônio cultural: entretecendo memórias e histórias da/na ilha de Santa Catarina.

*** Graduada em Direito e Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de Iniciação Científica vinculada ao projeto Educação patrimonial na escola: memórias, experiências, saberes e fazeres na memória dos professores.

ou não o trabalho com a cidade, as memórias e os patrimônios da Ilha de Santa Catarina? O que, como e quando são trabalhadas? São trabalhadas na forma de temáticas, projetos próprios ou na forma de complementos a determinados temas de História Geral ou do Brasil? Quais experiências estes professores já desenvolveram sobre as temáticas? Quais as necessidades destes professores para aperfeiçoar suas aulas quanto às temáticas propostas? Quais atividades, temas gostariam que as atividades de estágio contribuíssem? Que tipo de atividades envolve os alunos nos diferentes espaços de memória? Como a universidade pode contribuir para a efetivação de práticas escolares que deem ênfase a Educação Patrimonial?

Como professor(a)s de Estágio Supervisionado em História e atuantes em projetos de extensão e do PIBID, temos acompanhando mais de perto as escolas Batista Pereira (Ribeirão da Ilha), Dilma Lúcia dos Santos (Armação do Pântano do Sul), Paulo Fontes (Santo Antonio de Lisboa), José Amaro Cordeiro (Morro das Pedras), Colégio de Aplicação da UFSC (campus UFSC/Trindade) e os núcleos de Educação de Jovens e Adultos que funcionam na Escola Básica Municipal Anísio Teixeira (Costeira) e Escola Básica Municipal Domícia Maria da Costa (Saco Grande) e Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiros.

Nesses contatos, percebemos que os documentos oficiais e boa parte dos livros didáticos têm negligenciado as questões da cidade, do patrimônio e da memória, uma vez que várias das escolas citadas estão localizadas em espaços visitados por muitos turistas devido aos conjuntos arquitetônicos e os diversos aspectos do patrimônio imaterial presentes nos saberes, fazeres, dos moradores dos arredores destas escolas. Assim, as experiências didáticas com estas temáticas são ainda tímidas, pontuais e de iniciativa de alguns professores que procuram integrar atividades de educação patrimonial em suas propostas de trabalho.

Portanto, ficou evidenciada a necessidade de realização de pesquisas sobre a cidade, memória e o patrimônio na relação com o Ensino de História para que possamos aprofundar as discussões e práticas de Educação Patrimonial.

Temos como objetivo investigar os diferentes saberes, fazeres e experiências amalgamadas na produção do conhecimento histórico escolar e também, identificar como a cidade, a memória e o patrimônio são agenciados na produção dos saberes escolares a partir da investigação do trabalho docente em instituições públicas de educação básica. Nesta indagação pretendemos ampliar o campo de pesquisa sobre o ensino de História, procurando identificar o conjunto de saberes que formam a cultura escolar e em que medida as políticas oficiais, os projetos dos professores, os livros didáticos, as práticas docentes e as políticas

públicas da educação se aproximam ou se distanciam das questões da cidade, memória e patrimônios.

Dentre os objetivos específicos destacamos, neste momento, a necessidade de localizar, reunir, sistematizar, analisar e disseminar as principais abordagens que se aproximam da temática da educação patrimonial, em suas relações com o ensino de História, com os lugares e práticas de memória e com a produção de conhecimentos históricos educacionais.

Como projeto matricial¹ ao longo de sua execução vem integrando atividades de ensino, extensão e diversos subprojetos de pesquisa organizados conforme as atividades nas disciplinas de Seminário de Pesquisa em Ensino, Metodologia do Ensino de História e Estágio Supervisionado de História I, II e III do curso de História e da disciplina História, Infância, Ensino no curso de Pedagogia da UFSC. No desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações e teses em questões de cidade, memória, patrimônio e educação patrimonial.

Este é um estudo de natureza qualitativa, desenvolvida principalmente pelo emprego da análise documental e coleta de depoimentos orais, conforme os procedimentos apropriados no tratamento destes tipos de fontes. O aprofundamento dos estudos teóricos sobre os procedimentos a serem adotados no espaço escolar nos possibilita análises significativas para esse campo do conhecimento. As observações a serem feitas e as narrativas permitem, como lembra Thompson (2002), auscultar os silêncios, bem como as vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Trabalhamos concomitantemente em diferentes frentes para a coleta das informações documentos e entrevistas. Uma delas são os documentos e Políticas Públicas de Educação que expressam orientações para o trabalho com as questões da cidade, da memória e do patrimônio, a Proposta curricular para a Rede Pública Estadual de Ensino de Santa Catarina, a Proposta Curricular para a rede municipal de Ensino de Florianópolis, as Diretrizes para a Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, os

1 Em suas duas versões “Educação patrimonial na escola: memórias, experiências, saberes e fazeres na memória dos professores” financiado pelo CNPQ edital Ciências Humanas de 2013 e “Escola e patrimônio cultural: entretecendo memórias e histórias da/na ilha de Santa Catarina” financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC) pelo edital Universal de 2014, conta com a participação das professoras Andrea Ferreira Delgado, Clarícia Otto, Joana Vieira Borges, Karen Rechia e Mônica Martins da Silva integrantes do grupo de pesquisa Patrimônio, Memória e Educação – Pameduc.

Projetos Pedagógicos das Escolas, os Planos de Ensino dos Professores. Nesta frente também está o levantamento da produção das universidades catarinenses sobre patrimônio e Educação Patrimonial.

A segunda frente, a ser iniciada no segundo semestre de 2015, são as entrevistas com os sujeitos de pesquisa, os professores e as professoras das escolas Batista Pereira, Dilma Lúcia dos Santos, Paulo Fontes, José Amaro Cordeiro, Colégio de Aplicação da UFSC e os núcleos de Educação de Jovens e Adultos que funcionam na Escola Básica Municipal Anísio Teixeira, Escola Básica Municipal Domícia Maria da Costa e Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiros. Inicialmente, privilegiaremos os professores de História e na sequência professores das demais disciplinas que também trabalhem com atividades de Educação Patrimonial.

Todas as informações, sejam elas provenientes de análise documental ou de depoimentos, são coletadas e tratadas numa perspectiva qualitativa conforme os procedimentos específicos para cada tipo de fonte. Desta forma, para o trabalho com fontes orais adotamos os procedimentos de trabalho com fontes orais desenvolvidos por Alessandro Portelli (1997a; 1997b; 1997c;). Para o trabalho com fontes escritas são adotados os procedimentos desenvolvidos por Edward Palmer Thompson (1981; 1987; 1998), e Déa Fenelon (1991), dentre outros. Para a abordagem de memórias adotamos a perspectiva de Walter Benjamin (1994; 1995), ao trabalhar com lembranças como construções do passado a partir do olhar do presente.

A pesquisa está na primeira etapa, ou seja, mapeamos e agora estamos analisando e catalogando as produções acadêmicas (teses, dissertações, artigos, livros...) sobre cidade, memória, patrimônio e educação patrimonial em Santa Catarina junto às universidades catarinenses como: UFSC, Udesc, Univille, Univali, Unisul, Unesc, Uniplac, Unoesc, Unochapecó, FURB, UFFS e UNC.

O estudo das relações entre cidade, memória e patrimônio vem sendo pesquisadas por vários grupos nacionais e internacionais e desta forma estimulando o incremento da produção acadêmica e o diálogo com diferentes sujeitos, localizados tanto nas escolas como nos múltiplos espaços de memória.

As problemáticas da Educação Patrimonial estão em constituição concomitante com a afirmação do Ensino de História como campo de pesquisa. Nos encontros nacionais e internacionais dos Pesquisadores do Ensino de História, Perspectivas do ensino de História,

Encontros nacionais e regionais da Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil), Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe), Encontro Nacional de Museologia, Encontros da Sociedade Brasileira de Arqueologia (SAB), dentre outros tem sido uma constante os Grupos de Trabalho, Simpósios Temáticos, Mesas redondas e conferências abordando temáticas como: Cidade, História Local, Patrimônio, Memória, Lugares de Memória, Experiências de atividades educativas em múltiplos espaços. Todos esses eventos têm relacionado diretamente as atividades educativas relativas a patrimônio sendo denominada, com algumas variações terminológicas, como Educação Patrimonial, Educação Museal, Educação das Sensibilidades, Atividades educativas, dentre outras.

Tais pesquisas e relatos de experiências educativas evidenciam que, muitas vezes, acontece uma dicotomia entre o trabalho educativo realizado nos espaços de memória e o trabalho da escola como se eles fossem concorrentes ou em outros casos como se o museu, por exemplo, devesse trabalhar aquilo que a escola não trabalha. Por outro lado, alguns professores realizam visitas aos espaços de memória para ilustrar o que trabalham ou o que está nos livros de História.

Procurando minimizar estas dicotomias, a própria legislação educacional a partir do PARECER CNE/CES 492/2001 ao explicitar as diretrizes para os cursos de História, no tocante aos estágios preconiza que: “As atividades acadêmicas complementares (estágios, iniciação científica, projetos de extensão, seminários extra-classe (*Sic*), participação em eventos científicos) poderão ocorrer fora do ambiente escolar, em várias modalidades que deverão ser reconhecidas, supervisionadas e homologadas pelos Colegiados/Coordenações dos Cursos”. Ou ainda, no tocante as competências e habilidades no item 2, na alínea *e* afirma que o acadêmico de história deverá “Desenvolver a pesquisa, a produção do conhecimento e sua difusão não só no âmbito acadêmico, mas também em instituições de ensino, museus, em órgãos de preservação de documentos e no desenvolvimento de políticas e projetos de gestão do patrimônio cultural”.

Pensando nessa perspectiva, propomos aqui algumas reflexões breves e pontuais sobre memória, patrimônio e educação patrimonial. Inicialmente, uma explicitação sobre memória e em um segundo momento, apresentamos considerações sobre patrimônio e educação patrimonial.

Dentre as muitas publicações sobre memória (BERGSON, 1999; BOSI, 1994, 2003a, 2003b; BRESCIANI e NAXARA, 2001; CHAUI, 1992; DUARTE e FIGUEIREDO, 2001;

GAGNEBIN, 2001, 1999; GALZERANI, 2004; HALBAWACHS, 1990; LE GOFF, 1994; MATOS, 1992; NORA, 1993; POLLAK, 1989; PROUST, 2003; SAMUEL, 1997; SEIXAS, 2001, 2002; SILVA, 2003, 2001), destacamos algumas trilhas do pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin, ao expressar seu entendimento de memória como rememoração, pautada nas experiências vividas e nas sensibilidades.

Ao rememorar reconstruímos, buscamos nossas impressões mais remotas - matinais diria Benjamin - sobre o vivido por nós ou por aqueles que nos antecederam. Este processo é acionado por dimensões conscientes e inconscientes despertadas no presente de quem rememora. O filósofo preocupa-se com a forma como ocorrem as narrativas, porque o papel do narrador, como elemento unificador das comunidades, perdeu-se. Ao mesmo tempo, propõe que os historiadores pensem que “[...] a narrativa não deve ser mais aquela do fluxo que justapõe eventos, mas aquela que produz interrupções e recortes no transcurso da história, de modo que o passado irrompe de um só golpe sobre o presente, originando uma situação de exceção.” (CARDOSO JR., 1996:55). A fonte das narrativas deve ser “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa, a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994:198).

Portanto, para Benjamin as memórias são plenas de conhecimentos e de sensibilidades, relacionam-se com o vivido. São também esquecimento e apaziguamento com o passado. A (re)memória é sempre relacionada com o presente, já que é um entrecruzamento de tempos, espaços, vozes; não é uma autobiografia no sentido clássico. É uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro. Memória é vida, possibilidade da experiência vivida. Na rememoração, amplia-se a possibilidade de vida.

Trabalhar com narrativas de memórias numa perspectiva dialógica possibilita que os narradores percebam que muitas das respostas que buscam estão presentes nas suas experiências vividas e nas memórias. Portanto, memórias e experiências vividas precisam ser consideradas relevantes para a produção de conhecimentos histórico-educacionais e mais diretamente no ensino de História, visto que:

A tarefa interminável da humanidade é a de restaurar o sentido da narrativa, em que a linguagem não mais se esgote nos clichês de uma língua morta. Essa tarefa implica encontrar a história verdadeira – a partir das experiências fragmentadas e da memória fragmentada-, recuperando a capacidade do homem em tornar suas experiências comunicáveis em narrativas, como textos que se abrem à experiência nas suas metamorfoses em que se tecem novas histórias. (KRAMER, 2002:70).

Relativo às questões do patrimônio destacamos alguns aspectos que vem permeando as produções contemporâneas. Patrimônio é compreendido como um conjunto de bens produzidos por outras gerações, ou

os bens resultantes da experiência coletiva que um grupo humano deseja manter como perene. Nesse sentido, patrimônio supera a definição estreita de um conjunto de objetos, construções, documentos, obras, etc. sendo uma marca, um vestígio que individualiza os homens em momentos temporal e culturalmente distintos. (MACHADO, 2004:10, apud CHAGAS, 2006).

A ideia de patrimônio foi se constituindo e implementando na França do século XVIII, no contexto da Revolução Francesa. As discussões se intensificaram durante o século XIX, com a constituição dos Estados nacionais. No Brasil, tais discussões se constituem no início do século XX a ampliam-se nas décadas de 1960, 70 e 80.

Conforme expresso por Andréa Ferreira Delgado (2013:10), no projeto “Santa Afro Catarina: Educação Patrimonial e a presença de africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina”.

[...] a concepção de patrimônio cultural registrada na Constituição de 1988 preconiza o reconhecimento, registro e salvaguarda dos bens culturais “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” [...]. Outro marco dessa ampliação da noção de patrimônio foi o Decreto 3551/2000, que instituiu o Registro dos bens culturais de natureza imaterial que compõem o patrimônio brasileiro [...]. Essa política de patrimonialização deve ser compreendida como resultado de um complexo processo que abrange tensões, conflitos e disputas tanto internos ao campo do patrimônio [...] quanto presentes na conjuntura política brasileira de democratização pós-redemocratização. Historicizar as políticas públicas de construção e preservação do patrimônio no Brasil constitui, portanto, um pressuposto para a compreensão do movimento de valorização do patrimônio cultural.

Remontam ao primeiro quartel do século XX as preocupações em educar para o patrimônio ou em desenvolver ações de educação patrimonial. Porém, as ações educativas acabaram ficando a cargo e acontecendo, quase que exclusivamente, nos espaços concebidos como lugares da memória (NORA, 1993), passando ao largo ou não dialogando com as atividades desenvolvidas nas escolas.

Como grande parte da população não é levada a frequentar espaços de memória aconteceram distanciamentos das preocupações e ações de educação patrimonial da grande maioria da população, que, por sua vez, acaba não reconhecendo estes espaços e os bens patrimoniais como seus. Quanto às formas e contribuições da educação patrimonial na constituição de identidades e sentido de pertencimento dos sujeitos, pode concorrer para:

A estruturação do sentido de identidade e da cidadania passa pela apropriação do patrimônio cultural e funda-se na capacidade de os grupos e os atores sociais sentirem-se sujeitos do processo de seleção e preservação do seu legado cultural. Um trabalho educativo que considere os bens culturais como ponto de partida pressupõe o envolvimento de toda a comunidade e não pode ficar restrito aos muros da escola: associações, empresas, entidades de classe, autoridades públicas e família têm a responsabilidade tanto de empreender ações dessa natureza quanto de

participar naquelas promovidas por qualquer segmento da sociedade. (MACHADO, 2004:28 apud CHAGAS, 2006).

Mais recentemente, passou a existir maior diálogo entre os espaços de memória e as escolas. Assim, as questões da memória e do patrimônio, aos poucos, estão sendo incorporadas aos currículos escolares. Deste modo, o patrimônio passou a contribuir “[...] potencialmente na formação histórica, visto que permite dar consistência às informações e abstrações dos textos históricos e porque constrói a percepção e a visão histórica do território e do mundo. O escopo é gerar o sentido, o conhecimento e o respeito ao patrimônio.” (MATOZZI, 2008: 149).

Com esta aproximação, a população escolarizada está conhecendo, apropriando-se e até identificando-se com as memórias representadas nos espaços de memória. Desta forma, a educação para o patrimônio “constitui-se em formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar, valorizar patrimônios material e imaterial com excelência e igualdade”. (GRINSPUM, 2000 apud CABRAL, 2007:47).

No diálogo com o pensamento educacional de Paulo Freire, quando defende que o ser humano é um ser educável, percebemos a necessidade de entender que, para proporcionar uma efetiva educação patrimonial, precisamos compreender que:

O homem está no mundo e com o mundo [...] Isto o torna um ser capaz de relacionar-se [...] estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo [...] o homem tende a captar a realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos [...] Quando o homem compreende a realidade, pode levantar hipótese, sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. (FREIRE, 1997:30).

As pessoas só respeitam, admiram, preservam e se identificam com aquilo que, embora, muitas vezes, de maneira superficial, conhecem. Para que ocorra a identificação com os bens patrimoniais faz-se necessário pensar e construir possibilidades de educação patrimonial, para que as pessoas conheçam e sintam-se pertencentes aos espaços, às discussões, lugares de guarda e preservação dos diferentes bens patrimoniais. Portanto, para que efetivamente ocorra uma educação para o patrimônio, não basta falar **em** ou **sobre** patrimônio é preciso **viver com** o patrimônio.

Percebemos que nosso desafio enquanto educadores, historiadores, historiadores do ensino de história, educadores patrimoniais e trabalhadores nos espaços de guarda de memórias e patrimônios, de modo geral são imensos. Porém, como mediadores o professor e a professora têm:

o privilégio de mediar as relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações, e o conhecimento, pois as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos da nossa realidade sócio-histórica. As linguagens são constitutivas da memória social e coletiva (FONSECA, 2003:164).

Geralmente em nossas cidades, bairros, vilas, comunidades rurais, tribos, enfim onde tiver um grupo de pessoas há algum marco da memória coletiva que podem ser expressos de forma material em monumentos, construções, praças, igrejas, terreiros, casas de moradia, fotografias, imagens de santos, objetos de cerâmica, madeira, pedra, tecido ou ferro. Ou de forma imaterial em danças, rezas, cantigas, adivinhas, benzimentos, histórias orais, receitas,

diferentes modos de fazer. Todas essas e muitas outras formas de expressão da memória e patrimônio podem ser valorizadas nas aulas de história como forma de aproximar os saberes dos alunos com os saberes da escola.

Os espaços de guarda de memória apresentam diferentes possibilidades de trabalho para desenvolver com os alunos conforme o que lá está guardado. Nesse sentido, vale lembrar que nem sempre o patrimônio pode vir até a escola, nesses casos “é a escola que tem que ir até o patrimônio, torná-lo objecto específico de estudo, estabelecer diálogo entre a comunidade escolar e o meio envolvente, valorizar as realidades patrimoniais no contexto ambiental que se inserem” (MANIQUE; PROENÇA, 1994:57). Em síntese, “não dá para deixar que o museu, o arquivo ou a biblioteca pensem por nós, professores e alunos” (FONSECA; SILVA, 2007:84).

Nesta etapa da pesquisa – mapeamento da produção bibliográfica. Realizamos nas bibliotecas e páginas dos programas de pós-graduação um levantamento bibliográfico daquilo que encontramos nas universidades instaladas em Santa Catarina, não somente em acervo, mas em produção acadêmica própria para, então, seguirmos à fase de produção de fichamentos destes trabalhos almejando com isso, disponibilizar aos colegas pesquisadores uma ferramenta para auxílio na pesquisa.

Foi realizado levantamento nas seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), Universidade Regional de Blumenau (FURB), Universidade do Contestado (UNC), Universidade do Alto Vale do Itajaí (Unidavi), Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Universidade da Região de Joinville (Univille) e Universidade da Região de Chapecó (Unochapecó), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

Para os fichamentos, elaboramos um modelo padrão, contendo informações como referência bibliográfica, localização da obra, autores, orientadores, categoria (artigo, tese, monografia, etc), resumo, sumário e por fim, o fichamento.

Apesar de compreendermos que não há imparcialidade nesse processo, uma vez que o trabalho de selecionar pontos importantes em um texto é uma tarefa altamente pessoal, pois refletirá aquilo que o intérprete considera mais relevante, procuramos não alterar a redação original dos trabalhos, selecionando frases e parágrafos do texto original permitindo assim

que o pesquisador, ao se debruçar sobre o nosso acervo, possa saber qual a discussão proposta pelos autores.

Inicialmente, trabalhamos com o acervo e produção da Universidade Federal de Santa Catarina, onde pudemos localizar um número expressivo de teses, dissertações, artigos e livros. Foram identificadas 11 teses de várias áreas como Gestão do conhecimento (2), História (1), Engenharia de Produção (2), Geografia (2), Arquitetura e Urbanismo (1), Direito (1) e Antropologia (1); 28 artigos e 44 dissertações sobre o tema. As produções focam desde questões específicas, como o papel do museu, a educação patrimonial nas escolas, métodos de preservação de patrimônio material e catalogação de bens tombados.

Dos 28 artigos encontrados na UFSC, apenas três foram produzidos pela instituição, sendo o restante acervo disponível publicações de outros estados.

No intuito de facilitar a apresentação de nossos resultados, organizamos nosso levantamento separando-os por temas. Cultura indígena e Arqueologia; Turismo; Legislação e Políticas; Preservação e Restauração; Práticas culturais-sociais incluem estudos referentes às memórias, saber-fazer, relatos, linguagem, costumes locais, cantorias, etc; Patrimônio Histórico-Cultural selecionamos estudos que abordassem temas como espaços culturais e de memória e bens tombados; Arquivos, onde separamos estudos que tratam tanto do Arquivo quanto de documentos específicos trabalhados enquanto objeto de análise; Educação Patrimonial, que agrupa determinados estudos relacionados à prática da educação patrimonial em sala de aula ou outros espaços de memória, como museus, métodos e abordagens.

TABELA 1: Produção da Universidade Federal de Santa Catarina

UFSC	Artigos	Dis.	Teses	Mon.g rad.	Mon. especialização
Cultura Indígena/Arqueologia	2	3	-	-	-
Práticas Cult./sociais	4	8	1	-	-
Patrim. Histórico/Cult.	11	18	6	-	-
Turismo	4	2	-	-	-
Arquivos	2	-	-	-	-
Educação Patrimonial	2	-	1	-	-
Legislação/Políticas	1	4	2	-	-

Teoria	1	1	-	-	-
Preservação/Restauração	-	8	1	-	-

Tabela produzida pelos autores

Em seguida, trabalhamos a Universidade do Estado de Santa Catarina e sua produção bibliográfica, nos revelando um grande acervo de artigos sobre a temática. Contudo, apesar de encontrarmos uma expressiva quantidade de volumes e livros que tratam sobre educação patrimonial e patrimônio no Brasil, comuns à quase todas as bibliotecas pesquisadas inclusive, as produções acadêmicas se revelaram baixas.

TABELA 2: Produção da Universidade do Estado de Santa Catarina

UDESC	Artigos	Dis.	Teses	Mon. Grad.	Mon. Especialização.
Cultura Indígena/Arqueologia	-	1	-	1	-
Práticas Cult./sociais	1	3	-	6	-
Patrim. Histórico/Cult.	7	2	-	3	-
Turismo	-	1	-	2	-
Arquivos	1	-	-	2	-
Educação Patrimonial	5	3	-	3	3
Legislação/Políticas	-	-	-	-	-
Teoria	1	-	-	-	-
Preservação/Restauração	-	-	-	5	1

Tabela produzida pelos autores

TABELA 3: Produção da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina

UNESC	Artigos	Dis.	Teses	Mon. Grad.	Mon. Especialização.
Cultura Indígena/Arqueologia	1	-	-	-	-
Práticas Cult./sociais	6	-	-	1	3
Patrim. Histórico/Cult.	2	-	-	2	1

Turismo	1	-	-	-	-
Arquivos	-	-	-	-	1
Educação Patrimonial	2	-	-	1	3
Legislação/Políticas	6	-	-	-	-
Teoria	1	-	-	-	-
Preservação/Restauração	-	-	-	-	1

Tabela produzida pelos autores

Nas demais universidades catarinenses a quantidade de produções localizadas foi de menor monta em alguns itens e na maioria deles é inexistente. Dessa forma, optamos pela não elaboração de uma tabela completa como da UFSC e Udesc.

Na Unisul encontramos cinco monografias sendo (2) de especialização na área de patrimônio cultural. Três de Graduação, (1) em patrimônio cultural e (2) em legislação e políticas.

Na Unochapecó localizamos sete Monografias distribuídas em práticas culturais (2), patrimônio histórico cultural (2), educação patrimonial (2) e preservação/restauro (1).

Na Univille localizamos 19 dissertações. Tendo como temáticas práticas culturais (10), patrimônio histórico-cultural (6), teoria (1) e preservação e restauro (2). Destacamos que, esta universidade possui um Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Além das 19 dissertações disponíveis na página do mestrado referentes aos anos de 2014 e 2015 existem indicações de defesas em todos os anos desde 2010.

Na Univalli encontramos três dissertações com ênfase em turismo. Na Furb e na Uniplac encontramos uma dissertação em cada uma delas.

Com a realização deste levantamento nas bibliotecas universitárias e programas de pós-graduação presentes no Estado de Santa Catarina, restou evidente que a produção acerca da temática patrimônio e educação patrimonial não tem se revelado um expoente.

O trabalho de conscientização de cidadãos, não somente dos alunos acerca de sua história, seus costumes, as particularidades de seus protocolos sociais é peça fundamental para uma retomada de consciência e problematização da cultura de elite que se instaurou no Brasil e perpassa pela Academia, todavia, não para ser legitimada por esta, mas sim para que esta divulgue projetos, ideias e ferramentas que contribuam nessa missão.

Contudo, importante ressaltar que os trabalhos analisados apresentam alto teor de crítica, propondo uma desconstrução do conceito elitizado de patrimônio e cultura.

Diante deste primeiro movimento de aproximação com a produção sobre patrimônio e educação patrimonial no Estado de Santa Catarina reforçou-nos a necessidade de aprofundamento da pesquisa nas etapas seguintes, ou seja, buscar diretamente nas memórias e experiências dos professores da Educação Básica o que efetivamente está acontecendo nesta perspectiva.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. Ed, São Paulo, Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas vol. 1).
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. **Rua de Mão única**. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 73-142. (Obras Escolhidas vol. 2)
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.
- BOSI, Ecléa. **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória (re)sentimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.
- CABRAL, Magaly. **Educação patrimonial**. Digitado, 2007.
- CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.
- CARDOSO JR., H. R. Tempo e Narrativa Histórica nas “Teses” de Walter Benjamin. In: MALERBA, J. (Org.). **A Velha História**: Teoria, Método e Historiografia. Campinas-SP: Papyrus, 1996. p. 51-60.
- MANIQUE, António Pedro ; PROENÇA, Maria Cândida. **Didáctica da História Património e história local**. Lisboa: Texto Editora, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico In: **Direito à Memória**: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992. p.37-46.

- CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e Educação. in: **Educação e Sociedade** nº 5, São Paulo: Cortez, 1980.
- DELGADO, Andréa Ferreira. **Santa Afro Catarina**: Educação Patrimonial e a presença de africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina, digitado, 2012.
- DELGADO, Andréa Ferreira e OLIVEIRA, Ilse Leone. Educação patrimonial como experiência interdisciplinar: patrimônio e memória na cidade de Goiás. **Revista Solta a Voz**. Goiânia, v. 19, n. 2, p. 135-150, jul/dez. 2008.
- DELGADO, Andréa Ferreira, MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Santa Afro Catarina: espaço urbano, história e educação patrimonial. **Anais do XIV Encontro Estadual de História - Tempo, memórias e expectativas**, 19 a 22 de agosto de 2012, UDESC, Florianópolis, SC.
- DELGADO, Andréa Ferreira, MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Santa Afro Catarina: escravidão, espaço e patrimônio na Ilha de Santa Catarina. CAMPOS, A. P., GIL, A. C. A., SILVA, G. V., BENTIVOGLIO, J. C.; NADER, M. B. (Orgs.). **Anais eletrônico do III Congresso Internacional Ufes / Université Paris-Est / Universidade do Minho – Territórios, poderes, identidades**. Vitória: GM Editora, 2011.
- DELGADO, Andréa Ferreira. Do currículo formal ao currículo em ação: o Estágio Supervisionado como experiência de pesquisa. In SILVA, Cristiani Bereta da et. al. **Experiências de ensino de História no Estágio Supervisionado**. Florianópolis: Editora UDESC, 2011, p. 221-245.
- DELGADO, Andréa. Configurações do campo do patrimônio no Brasil. In BARRETO, Euder et al (Orgs). **Patrimônio Cultural & Educação Patrimonial**. Goiânia, Secretaria de Educação, 2008, p. 97-115.
- DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (Orgs.). **Mímesis e Expressão**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- FENELON, Déa Ribeiro et al (org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 296-313.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães; DA SILVA, Marcos Antônio. **Ensinar História no Século XIX: em busca do tempo entendido**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória (res) sentimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001, p. 85-93.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2. Ed, 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Mímesis e Crítica da Representação em Walter Benjamin. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Orgs.). **Mímesis e Expressão**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 353-363.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, Histórias e (Re)Invenção Educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação**,

- Memória, História:** possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 287-330.
- HALBAWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- KRAMER, S. **Por Entre as Pedras:** arma e sonho na escola. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. 3. Ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.
- MATOS, Olgária. Memória e História em Walter Benjamin. In: _____. **Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 151-156.
- MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação Para o Patrimônio. In: **Educação em revista**. Belo Horizonte – MG: Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Educação, 2008. p. 135-155.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História** – n. 10. São Paulo: EDUC, 1993. p. 7-28.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. In: **Projeto História**. São Paulo, 2001, p. 9-36.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo, 1997, p.25-39.
- PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. **Projeto História**, n. 14. São Paulo: EDUC, 1997. p. 41-81.
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: SILVA, Marcos Antonio e ANTONACCI, Maria Antonieta (orgs.). **História em quadro negro:** Escola, ensino e aprendizagem. Revista Brasileira de História, n. 19. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, 1990.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & Naxara, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)Sentimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 20001.
- SEIXAS, Jacy Alves de. Os Tempos da Memória: (des) continuidade e projeção. In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 24, 2002. p. 43-63.
- SILVA, Márcio Seligmann (Org.). **História, Memória, Literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.
- SILVA, Márcio Seligmann. A Catástrofe do Cotidiano, a Apocalíptica e a Redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Orgs.). **Mímesis e Expressão**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria:** ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.